

# **Os pes estranhos**

**G. K. Chesterton**

Se você encontrasse um membro daquele clube seleta, “Os Doze Pescadores Verdadeiros”, entrando no Hotel Vernon para o jantar anual do clube, observaria, quando ele tirasse o sobretudo, que o casaco dele é verde e não preto. Se (supondo que tivesse a audácia e a petulância de dirigir a palavra a tal pessoa) você lhe perguntasse o porquê, é provável que ele respondesse que faz isso para não ser confundido com um garçom. Então você se afastaria com o rabo entre as pernas. Mas deixaria para trás um mistério ainda não solucionado e uma história que vale a pena contar.

Se (para insistir no mesmo filão de improváveis conjecturas) você topasse com um pequeno padre meigo e incansável, chamado Padre Brown, e lhe perguntasse qual ele julgava ter sido o lance de sorte mais singular de sua vida, a resposta mais provável seria que de modo geral o seu melhor lance de sorte acontecera no Hotel Vernon, onde ele havia impedido um

crime e, talvez, salvo uma alma, apenas por escutar passos no corredor. Talvez ele tenha certo orgulho desse palpite surpreendente e maravilhoso, e é possível que o mencione. Mas como não é nada provável que um dia você suba na escala social o suficiente para se encontrar com os Os Doze Pescadores Verdadeiros nem que um dia você desça baixo o suficiente entre criminosos e cortiços para conhecer o Padre Brown, receio que acabe ficando sem saber da história, a menos que seja por meu intermédio.

O Hotel Vernon, onde Os Doze Pescadores Verdadeiros faziam jantares anuais, era uma instituição do tipo que só poderia existir numa sociedade oligárquica obcecada, a ponto de enlouquecer por boas maneiras. Era o tipo de produto virado de cabeça para baixo — um empreendimento “seleto”. Ou seja, uma coisa que dava lucro não por atrair pessoas, mas sim por espantar pessoas. No coração da plutocra-

cia, os comerciantes tornam-se astutos o suficiente para serem mais meticulosos que os clientes. Sem dúvida, criam dificuldades para que clientes enriquecidos e enfadonhos gastem dinheiro e diplomacia a fim de superá-las. Se em Londres houvesse um hotel da moda que proibisse a entrada de homens com menos de um metro e oitenta de altura, a sociedade docilmente criaria grupos de homens de mais de um metro e oitenta para jantar no local. Se um restaurante caro, por mero capricho do dono, abrisse somente nas tardes de quinta-feira, o restaurante ficaria lotado nas tardes de quinta-feira. O Hotel Vernon situava-se, como que por acaso, na esquina de uma praça na Belgrávia. Era um hotel pequeno — e bem desvantajoso. Mas essas mesmas desvantagens eram consideradas muralhas preservando uma classe em especial. Uma desvantagem em particular era tida como de importância crucial: o fato de que na prática só vinte e quatro pessoas podiam jantar

no local ao mesmo tempo. A única e grande mesa de jantar era a celebrada mesa do terraço, que ficava numa espécie de varanda com vista para um dos mais belos e antigos jardins de Londres. Por isso, mesmo os vinte e quatro lugares dessa mesa podiam ser desfrutados apenas com tempo ameno; e isso, ao tornar o prazer mais difícil, tornava-o ainda mais desejado. O dono do hotel, um judeu de nome Lever, lucrou quase um milhão com o estabelecimento — por dificultar a entrada nele. É claro: combinava essa limitação no escopo do empreendimento com o requinte mais cuidadoso em sua performance. Os vinhos e os pratos eram realmente tão bons quanto os melhores da Europa, e a conduta dos garçons espelhava com exatidão os modos rígidos da alta sociedade britânica. O dono conhecia os garçons como a palma da mão; eram quinze no total. Era bem mais fácil tornar-se Membro do Parlamento do que se tornar garçom naquele hotel. Cada gar-

çom era treinado para atuar com recato e silêncio extremos, como o serviçal de um cavalheiro. E, de fato, em geral havia ao menos um garçom para cada cavalheiro jantando.

Os membros do clube dos Doze Pescadores Verdadeiros não teriam consentido em jantar a não ser num lugar como esse, pois insistiam numa privacidade de luxo; teriam ficado muito aborrecidos com o mero pensamento de que membros de outro clube qualquer estivessem jantando no mesmo prédio. Por ocasião do jantar anual, os Pescadores tinham o hábito de expor todos os seus tesouros como se estivessem numa residência particular, em especial o celebrado jogo de garfos e facas para peixes, de certo modo a insígnia da sociedade, cada talher delicadamente forjado em prata na forma de peixe, todos com uma grande pérola incrustada no cabo. Esses talheres eram sempre colocados para o prato à base de peixe, e o prato à base de peixe era sempre o mais magnífico naquela

magnífica refeição. O clube tinha um vasto número de cerimônias e rituais, mas não tinha história nem objetivo; e era justo isso que o tornava tão aristocrático. Você não precisava ser nada para ser um dos Doze Pescadores; a menos que já fosse um determinado tipo de pessoa, jamais ouviria falar deles. O clube existia há doze anos. O presidente era o sr. Audley. O vice-presidente, o duque de Chester.

Se eu consegui até certo ponto transmitir a atmosfera desse espantoso hotel, o leitor pode naturalmente se perguntar como é que fiquei sabendo algo sobre ele e pode até mesmo especular como é que gente tão comum quanto o meu amigo, o Padre Brown, foi parar no meio dessa galeria dourada. Sobre esse aspecto, meu relato é simples, vulgar até. Há no mundo uma anciã amotinadora e demagoga que invade os refúgios mais elegantes com a medonha informação de que todos os homens são irmãos, e seja lá onde fosse essa niveladora em seu cavalo

branco, era missão do Padre Brown ir atrás dela. Um dos garçons, um italiano, sofrera um derrame naquela tarde; o patrão judeu, moderadamente maravilhado com essas superstições, consentiu em chamar o padre mais próximo. O que o garçom confessou ao Padre Brown não nos diz respeito, pela razão excelente de que o clérigo o guardou para si, mas parece que envolveu escrever um bilhete ou uma declaração para transmitir alguma mensagem ou consertar algum mal. O Padre Brown, portanto, com a mesma meiga insolência que teria demonstrado no Palácio de Buckingham, solicitou que lhe fossem disponibilizados uma sala e material para escrever. O sr. Lever estava dilacerado ao meio. Era um homem bondoso e tinha também aquela péssima imitação de bondade: aversão a quaisquer dificuldades ou escândalos. Ao mesmo tempo, a presença de um estranho não habitual em seu hotel aquela noite era como uma partícula de sujeira em algo limpo há pouco.



Nunca houvera qualquer antecâmara ou antes-sala no Hotel Vernon, ninguém esperando no hall, nenhum hóspede casual. Havia quinze garçons. Havia doze convidados. Seria tão estarrecedor encontrar um novo convidado no hotel naquela noite como descobrir um novo irmão na família na hora do café da manhã ou do chá. Além disso, a aparência do padre era de segunda classe e suas roupas sujas de lama; o mero vislumbre à distância de sua figura poderia precipitar uma crise no clube. Por fim, o sr. Lever bolou um plano para acobertar, já que não podia suprimir a desgraça. Quando você entra (coisa que nunca irá fazer) no Hotel Vernon, passa por um corredor curto decorado com pinturas esmaecidas, mas importantes, e chega ao saguão e à sala de estar, que dão à direita a corredores que levam aos quartos dos hóspedes e à esquerda a um corredor semelhante que conduz às cozinhas e aos gabinetes do hotel. Logo à esquerda encontra-se o recan-

to do gabinete de vidro, que limita com a sala de estar — uma casa dentro da casa, por assim dizer, assim como o velho bar de hotel que um dia talvez tenha ocupado o seu lugar.

Nesse gabinete ficava sentado o representante do proprietário (ninguém nesse lugar aparecia em pessoa se pudesse evitá-lo); pouco adiante do gabinete, na direção do alojamento dos empregados, ficava a chapelaria, a última fronteira do domínio dos cavalheiros. Mas entre o gabinete e a chapelaria existia uma salinha particular sem outra saída, utilizada às vezes pelo dono para assuntos delicados e importantes, como emprestar mil libras a um duque ou negar-lhe o empréstimo de meia dúzia de centavos. Sinal da magnífica tolerância do sr. Lever é o fato de ter permitido que esse ambiente sagrado fosse profanado durante meia hora por um mero padre rabiscando coisas num pedaço de papel. A história que o Padre Brown escrevia era muito provavelmente bem melhor

do que esta, com a diferença de que ninguém jamais a conhecerá.

Posso apenas afirmar que tinha o mesmo número de páginas e que os dois ou três últimos parágrafos eram os menos emocionantes e absorventes.

Pois foi ao chegar na altura desses que o padre começou um pouco a dar asas ao pensamento e a permitir a seu instinto animal despertar. A hora da escuridão e da janta se aproximava; a própria salinha esquecida estava sem uma luz sequer, e talvez o cair das trevas, como de vez em quando acontece, tenha aguçado as sensações sonoras. Enquanto o Padre Brown escrevia a última e menos importante parte de seu documento, sem querer, flagrou-se escrevendo no ritmo de um ruído repetido do lado de fora, assim como quando alguém pensa na cadência de um trem em movimento. Quando caiu em si, descobriu o que era: não mais que o simples som de passos no corredor, algo que

num hotel não era coisa tão improvável. Entretanto, ele olhou fixo para o teto escuro e escutou o barulho. Depois de escutar por alguns segundos de modo sonhador, ficou em pé de repente e escutou com atenção, inclinando um pouco a cabeça. Então se sentou de novo e enterrou o sobrolho nas mãos, agora não apenas escutando, mas escutando e pensando também.

Os passos do lado de fora em todo o tempo eram do tipo que se pode escutar em qualquer hotel, mas, considerados no conjunto, havia algo muito estranho neles. Não havia outros passos. Era sempre um estabelecimento muito silencioso, pois os poucos hóspedes costumeiros iam direto para seus próprios apartamentos, e os bem treinados garçons eram ensinados a ficarem quase invisíveis até serem solicitados. Impossível conceber um lugar onde houvesse menos razão para perceber algo irregular. Mas esses passos eram tão esquisitos que não se poderia decidir chamá-los de regulares nem de

irregulares. o Padre Brown acompanhou-os com o dedo na borda da mesa, como um homem tentando aprender uma melodia ao piano.

Primeiro veio uma longa arremetida de passinhos rápidos, como um homem leve vencendo uma competição de caminhada. A certa altura, os passos pararam e mudaram para um tipo de pisada lenta e oscilante, totalizando nem uma quarta parte dos passos, mas demorando por volta do mesmo tempo. No momento em que sumia o som da última e ecoante pisada, retornava a investida ou a onda de pés ligeiros e apressados e, então, outra vez os pés batendo com força.

Era com certeza o mesmo par de botas, em parte porque (como já foi dito) não havia outras botas por perto e em parte porque elas apresentavam um mínimo, porém inconfundível rangido. A cabeça do Padre Brown era do tipo que não conseguia deixar de formular perguntas; e quase quebrou a cabeça pensando

nessa questão aparentemente banal. Já tinha visto homens correrem para pular. Já tinha visto homens correrem para escorregar. Mas por que cargas d'água um homem correria para caminhar? Mas outra descrição não se encaixaria melhor para esse invisível par de pernas. O homem estava ou caminhando acelerado em um dos lados do corredor para então caminhar bem devagar na outra metade, ou estava caminhando muito devagar num lado para ter o êxtase de apertar o passo no outro. Nem uma e nem outra sugestão pareciam fazer muito sentido. O seu cérebro ficava cada vez mais sombrio, como a saleta.

Mas, quando começou a pensar de modo pausado, a própria escuridão de sua cela pareceu tornar mais vívidos seus pensamentos; ele começou a imaginar, como numa espécie de visão, os pés fantásticos saltitando para lá e para cá no corredor em atitudes artificiais ou simbólicas.

Seria uma dança pagã? Ou um novo tipo de exercício físico inteiramente novo? O Padre Brown começou a se questionar com mais exatidão o que os passos sugeriam. Analisando o passo lento primeiro: com certeza não era o passo do dono. Homens daquele tipo ou caminham com rápido gingado ou sentam-se imóveis. Não poderia ser um serviçal ou mensageiro do hotel à espera de instruções. Não deu essa impressão. Pessoas das classes mais pobres (numa oligarquia) às vezes cambaleiam quando um pouco embriagadas, mas em geral, e especialmente nessas encantadoras cenas, ficam em pé ou sentadas em poses constrangidas. Não: aquele passo pesado mas elástico, com certa ênfase descuidada, não muito ruidoso mas pouco se importando com o ruído que fazia, pertencia a só um entre os animais terrestres. Era um cavalheiro da Europa ocidental, e, mais provável, um que nunca precisara trabalhar.

Tão logo ele chegou a essa sólida conclu-

são, o ritmo dos passos mudou para o acelerado e cruzou pela porta tão febrilmente quanto um rato. O ouvinte notou que, embora o passo fosse mais veloz, era também mais silencioso, quase como se o homem estivesse caminhando na ponta dos pés. Mas em sua mente os passos não estavam associados com sigilo, mas com outra coisa — outra coisa que ele não conseguia se lembrar. Sentiu-se enlouquecido por uma daquelas meias-lembranças que fazem um homem sentir-se meio-estúpido. Com certeza, já ouvira aquele estranho andar acelerado em outro lugar. De repente, ergueu-se num pulo com uma nova ideia na cabeça e caminhou até a porta. A sala onde estava não tinha comunicação direta com o corredor, mas dava num lado para o gabinete de vidro e no outro para a chapelaria. Tentou a porta que dava para o gabinete; estava trancada. Então olhou para a janela: naquele instante, na vidraça quadrada, o lívido pôr do sol atravessava a nuvem púrpura;



por um momento, ele farejou o mal como cães farejam ratos.

A sua parte racional (sendo ou não a mais sábia) readquiriu a supremacia. Recordou que o proprietário lhe dissera que passaria a chave na porta e voltaria mais tarde para abri-la. Disse para si mesmo que umas vinte coisas em que não pensara podiam explicar os sons excêntricos lá fora; lembrou que havia luz suficiente apenas para conseguir terminar seu trabalho propriamente dito. Trazendo o papel para perto da janela a fim de captar o último e tempestuoso lusco-fusco, mergulhou outra vez de forma resoluta no quase pronto relato. Depois de escrever por mais vinte minutos, inclinando mais e mais o rosto sobre o papel na luz bruxuleante, de súbito ajeitou-se na cadeira. Escutara os pés estranhos outra vez.

Dessa vez, eles tinham uma terceira esquisite. Antes o homem desconhecido caminhara, com verdadeira leveza e rapidez de relâm-

pago, mas caminhará. Dessa vez ele correrá. Era possível ouvir os passos velozes e suaves saltando no corredor, como patas de uma pantera em fuga. Quem quer que estivesse vindo era um homem muito forte e ativo, em uma animação silenciosa mas dilacerante. Porém, depois de o som passar em frente ao gabinete como uma espécie de furacão furtivo, sem prévio aviso mudou de novo para a velha passada preguiçosa e pomposa.

O Padre Brown largou o papel e, sabendo que a porta do gabinete estava trancada, acorreu de imediato à chapelaria do outro lado. O atendente desse local estava ausente no momento, talvez porque os únicos hóspedes jantavam e seu ofício era fácil e bem pago. Após atravessar às apalpadelas uma cinzenta floresta de sobretudos, descobriu que a chapelaria dava acesso ao corredor iluminado na forma de uma espécie de balcão ou meia-porta, como a maioria dos balcões por cima dos quais nós todos

entregamos guarda-chuvas e recebemos tíquetes. Havia uma luz bem acima do arco semicircular dessa abertura. Lançava pouca iluminação sobre o próprio Padre Brown, que parecia um mero contorno escuro contra o crepúsculo opaco na janela atrás dele. Mas lançava uma luz quase teatral sobre o homem parado no corredor à frente do balcão.

Era um homem elegante num traje social muito discreto; alto, mas com jeito de quem não ocupava muito espaço; percebia-se que ele poderia deslizar como uma sombra por onde muitos homens menores tornar-se-iam óbvios e obstrutivos. Seu rosto, então um pouco recuado sob a suave luz da lâmpada, era trigueiro e vivaz, um rosto estrangeiro. Bem-apeado, com ar bem-humorado e confiante; um crítico poderia apenas mencionar que seu casaco preto não estava à altura de sua pessoa e de sua atitude; estava até mesmo saliente e inflado de uma forma bizarra.

Na hora em que vislumbrou a silhueta preta de Brown contra o pôr do sol, atirou no balcão uma tira de papel com um número e disse com amigável autoridade:

— Quero meu chapéu e meu sobretudo, por favor; preciso ir embora.

O Padre Brown apanhou o papel sem pronunciar uma palavra e, obediente, procurou o sobretudo; não era o primeiro trabalho humilde que fazia em sua vida. Trouxe-o e repousou-o sobre o balcão; nesse meio-tempo, o estranho cavalheiro, apalpando o bolso do colete, disse rindo:

— Estou sem uma moeda de prata; pode ficar com isto.

Largou meio soberano de ouro no balcão e pegou o sobretudo.

O vulto do Padre Brown permaneceu escuro e imóvel, mas naquele instante perdera a cabeça. A cabeça dele era sempre mais valiosa quando ele a perdia. Nesses momentos ele so-

mava dois com dois e o resultado era quatro milhões. Com frequência a Igreja Católica (casada com o bom senso) não aprovava isso. Com frequência ele não aprovava a si mesmo. Mas era inspiração pura — importante nas crises raras — quando aquele que perder a cabeça há de encontrá-la.

— Acho, sir — respondeu, com educação —, que o senhor tem uma moeda de prata no bolso.

O homenzarrão o encarou.

— Espere aí — gritou ele. — Se eu quis dar a de ouro, por que você está reclamando?

— Porque às vezes prata vale mais que ouro — disse o padre, com voz suave. — Quero dizer, em grandes quantidades.

O estranho observou-o com curiosidade. Em seguida observou com mais curiosidade ainda o corredor em direção à entrada principal. Então observou Brown de novo, e em seguida observou com atenção a janela atrás da

cabeça de Brown, ainda colorida com o brilho do fim da tempestade. Então pareceu ter tomado uma decisão. Colocou uma das mãos sobre o balcão, saltou por cima dele tão facilmente quanto um acrobata e caiu na frente do padre, agarrando o seu colarinho com a mão estupenda.

— Não se mexa — disse, num sussurro cortante. — Não quero ameaçá-lo, mas...

— Mas eu quero ameaçá-lo — repetiu o Padre Brown, em voz de tambor ressoante. — Quero ameaçá-lo com o verme que não morre e o fogo que não se apaga.

— Você é um tipo esquisito de atendente de chapelaria — disse o outro.

— Sou padre, Monsieur Flambeau — disse Brown —, e estou pronto para ouvir sua confissão.

O outro respirou fundo por um momento; em seguida recuou cambaleante e se sentou numa cadeira.

Os primeiros dois pratos do jantar dos Doze Pescadores Verdadeiros transcorreram com sucesso plácido. Não tenho cópia do menu e mesmo se eu tivesse ninguém poderia entender nada.

Estava escrito numa espécie de superfrancês empregado pelos mestres-cucas, mas deveras ininteligível para franceses. Pela tradição do clube, os *hors d'oeuvres* deveriam ser variados e múltiplos quase até o ponto da loucura. Eram levados a sério, pois reconhecidamente eram adornos inúteis, como todo o jantar e todo o clube. Também pela tradição do clube, a sopa de entrada deveria ser leve e despretensiosa — um tipo de vigília simples e austera para o banquete de peixe prestes a acontecer. A conversa era aquela conversa estranha e escassa que governa o Império Britânico, que o governa em segredo e, no entanto, mal instruiria um inglês comum se ele pudesse ouvi-la por acaso.

Ministros de gabinete dos dois lados eram aludidos por seus prenomes com uma espécie de enfadonha benignidade. O Chanceler Radical de Exchequer, a quem todo o Partido Conservador deveria estar amaldiçoando por suas extorsões, recebia elogios por sua poesia menor ou por sua sela no campo de caça. O líder dos conservadores, a quem todos os liberais deveriam odiar como a um tirano, virou tópicio de discussão e, no frigidar dos ovos, recebeu louvores — por ser liberal. Parecia de alguma forma que os políticos mereciam bastante importância. E, no entanto, nada parecia importante nelles exceto sua política. O sr. Audley, o diretor, homem afável e idoso que ainda vestia colarinhos à Gladstone, era uma espécie de símbolo de toda aquela espectral mas resoluta sociedade. Nunca fizera algo — nem ao menos algo errado. Não era leviano; não era nem ao menos especialmente rico. Apenas sabia das coisas, nada mais do que isso. Nenhum partido pode-



ria ignorá-lo, e se ele desejasse estar no Ministério certamente seria colocado lá. O duque de Chester, o vice-presidente, era um jovem político em ascensão. Em outras palavras, era um rapagão agradável, com cabelos lisos e loiros e rosto sardento, de inteligência moderada e patrimônio colossal. Em público, suas aparições eram sempre bem-sucedidas e seus princípios eram simples. Quando lhe vinha uma piada na cabeça, ele a contava e era chamado de brilhante. Quando não lhe vinha uma piada na cabeça, dizia que não tinha tempo para tolices e era chamado de competente. Em particular, num clube de sua própria classe, comportava-se de modo simples e agradavelmente franco e bobo, como um menino em idade escolar. O sr. Audley, nunca tendo se metido em política, tratava-os com um pouco mais de seriedade. Às vezes chegava mesmo a constranger o grupo reunido com frases que sugeriam haver alguma diferença entre liberais e conservadores. Ele

próprio era conservador, até mesmo na vida particular. Tinha um rolo de cabelo grisalho na parte de trás do colarinho, como certos estadistas fora de moda; visto de costas parecia o homem desejado pelo império. Visto de frente parecia um solteirão meigo, indulgente com os próprios impulsos, com quartos no Albany — exatamente o que ele era.

Como já foi mencionado, havia vinte e quatro lugares na mesa do terraço e apenas doze membros no clube. Assim, eles podiam ocupar o terraço no estilo mais luxuoso possível, arranjados ao longo do lado interno da mesa, sem ninguém na frente, com vista contínua para o jardim, cujas cores permaneciam vivas, embora o anoitecer estivesse caindo de modo um tanto lúgubre para aquela época do ano. O diretor sentou-se no centro da fileira e o vice-presidente na ponta direita. Quando os doze convidados se agruparam ao redor da mesa e foram tomando seus lugares, como de costume

(e por alguma razão desconhecida) todos os quinze garçons se alinharam de costas para a parede, como tropas apresentando armas ao rei; por sua vez, o balofo proprietário ficou parado fazendo medidas aos membros do clube com surpresa radiante, como se nunca os tivesse visto antes. Mas, antes do primeiro tilintar de garfo e faca, esse exército de secretários desapareceu; apenas um ou dois necessários para pegar e distribuir os pratos corriam para lá e para cá em silêncio espectral. O sr. Lever, o dono, é claro, sumira em convulsões de cortesia há um bom tempo. Seria exagero, até mesmo irreverência, dizer que ele realmente apareceu de novo. Mas quando o prato importante, o prato de peixe, estava sendo servido, percebeu-se — como vou dizer? — uma sombra vívida, uma projeção de sua personalidade pairando no ambiente. O sagrado prato de peixe consistia (aos olhos do vulgo) numa espécie de pudim monstruoso, de tamanho e formato parecidos com o

de um bolo de casamento, dentro do qual um número considerável de peixes interessantes enfim perdera a forma que Deus lhes dera.

Os Doze Pescadores Verdadeiros empunharam os celebrados talheres de peixe e se aproximaram do pudim de forma solene — como se cada polegada dele custasse tanto quanto o garfo de prata utilizado para comê-lo. E custava, até onde eu sei. O pudim foi manejado com ânsia num silêncio devorador, e só ao ver o prato quase vazio que o jovem duque fez a observação de praxe:

— Não conseguem fazer isso em outro lugar, só aqui.

— Em lugar nenhum — disse o sr. Audley, com voz profunda e grave, volvendo o olhar ao interlocutor e assentindo várias vezes com a cabeça. — Em lugar nenhum, com certeza, a não ser aqui. Fui informado de que o Café Anglais...

Depois de interrompido e até mesmo per-

turbado pela retirada do seu prato, recuperou o valioso fio da meada.

— Fui informado de que o Café Anglais serve um tão bom quanto este. Nem parecido, sir — disse ele, balançando a cabeça de modo implacável, como um juiz sentenciando alguém à forca.

— Nem parecido.

— Lugar superestimado — disse um certo coronel Pound, falando (por seu aspecto) pela primeira vez em meses.

— Ah, não sei — disse o otimista duque de Chester. — É muito bom para certas coisas. É imbatível em...

Um garçom apareceu rápido no salão e então estacou. Sua parada foi tão silenciosa quanto seu andar, mas todos aqueles distraídos e gentis cavalheiros estavam tão acostumados à suavidade absoluta do mecanismo invisível que cercava e dava suporte a suas vidas, que um garçom fazendo algo inesperado era motivo de

sobressalto e de abalo. Eles se sentiram como você e eu nos sentiríamos se o mundo inanimado deixasse de obedecer — se uma cadeira fugisse de nós.

Por alguns segundos, o garçom permaneceu com o olhar fixo, enquanto cada rosto na mesa ostentava uma estranha vergonha que é, em essência, produto de nosso tempo. É a combinação do humanitarismo moderno com o horrível abismo moderno entre almas ricas e pobres. Um aristocrata legítimo teria jogado objetos em cima do garçom, começando com garrafas vazias e muito provavelmente terminando com dinheiro. Um verdadeiro democrata teria lhe perguntado, com a fala nítida dos camaradas, o que diabos ele estava fazendo. Mas esses plutocratas modernos não conseguiam suportar um homem pobre perto deles, fosse na condição de escravo ou de amigo. Algo errado com os empregados não passava de constrangimento insípido e intenso.

Não queriam ser estúpidos e tinham pavor de demonstrar benevolência. Queriam que aquilo, fosse lá o que fosse, acabasse de uma vez. E acabou. O garçom, após ficar um tempo rígido como um cataléptico, deu meia-volta e correu alucinado para fora do salão.

Quando reapareceu no salão, ou para ser mais exato na soleira da porta, estava em companhia de outro garçom, com quem sussurrou e gesticulou com ferocidade sulista. Então o primeiro garçom foi embora, deixando o segundo garçom, e reapareceu com um terceiro garçom.

Quando um quarto garçom se uniu a essa apressada assembleia, o sr. Audley considerou necessário quebrar o silêncio a bem da diplomacia. Em vez de martelo presidencial, tossiu bem alto e disse:

— Trabalho formidável o jovem Moocher está realizando em Burma. Venhamos e conve-nhamos, nenhuma outra nação no mundo te-

ria...

Um quinto garçom disparou como uma flecha na direção dele e sussurrou em seu ouvido:

— Sinto muito. Importante! O proprietário poderia ter uma palavrinha com o senhor?

O diretor voltou-se perturbado e com o olhar estupefato viu o sr. Lever aproximando-se com sua arrastada ligeireza. O modo de andar do bom proprietário na verdade era o de sempre, mas o rosto de jeito nenhum era o de sempre. Em geral moreno e corado, estava amarelo e pálido.

— Com o seu perdão, sr. Audley — disse ele, com falta de fôlego asmática. — Estou muito apreensivo. Seus pratos de peixe foram levados e os talheres também!

— Bem, assim espero — disse o diretor, com certa amabilidade.

— O senhor não o viu? — arquejou o hoteleiro com agitação. — Não viu o garçom que



levou os talheres? Não o conhece?

— Se eu conheço o garçom? — respondeu o sr. Audley indignado. — Claro que não!

O sr. Lever abriu as mãos num gesto de agonia.

— Não o mandei vir para cá — disse. — Não sei quando nem por que ele veio. Mandei meu garçom retirar os pratos, mas quando ele chegou já tinham levado.

O sr. Audley continuava desnorteado demais para ser realmente o homem desejado pelo império; ninguém do grupo pôde dizer nada a não ser o homem de madeira — o coronel Pound — que parecia galvanizado numa vida não natural. Ergueu-se rigidamente da cadeira, deixando todos os demais sentados, colocou o monóculo e falou numa voz meio baixa e rouca, meio como se tivesse esquecido como falar.

— O senhor quer dizer — indagou — que alguém roubou nosso faqueiro de prata?

O dono repetiu o gesto de abrir as mãos

em desespero ainda maior, e num átimo todos os homens à mesa se levantaram.

— Todos os seus garçons estão aqui? — perguntou o coronel, em seu tom baixo e áspero.

— Sim, estão. Eu mesmo conferi — gritou o jovem duque, enfiando o rosto infantil no meio do anel interno da mesa. — Sempre conto os garçons quando entro; parecem tão estranhos em pé encostados à parede.

— Mas com certeza ninguém poderia lembrar exatamente — começou o sr. Audley, com violenta hesitação.

— Lembro exatamente, estou dizendo — gritou o duque exaltado. — Nunca houve mais do que quinze garçons neste lugar, e hoje não tinha mais do que quinze, eu juro. Nem mais e nem menos.

O proprietário virou-se para ele, tremelizando entorpecido de surpresa.

— O senhor está me dizendo... o senhor

está me dizendo... — gaguejou — que viu todos os meus quinze garçons?

— Como de costume — assentiu o duque. — Por quê? Algum problema nisso?

— Ne-hum — disse Lever, acentuando o sotaque —, mas o sen-hor não viu. Pois um deles está morto lá em cima.

Por um instante, houve uma calma chocante naquela sala. Pode ser (tão sobrenatural é a palavra morte) que cada um daqueles homens ociosos tenha espiado a própria alma por um segundo e visto uma pequena ervilha seca. Um deles — o duque se não me engano — chegou a dizer, com a idiótica bondade dos ricos:

— Podemos fazer alguma coisa?

— Um padre foi chamado — disse o judeu, não sem mostrar emoção.

Então, como quem ouve a trombeta do juízo final, eles tomaram consciência de sua própria posição. Por uns poucos e bizarros segundos, haviam achado que o décimo quinto gar-

çom pudesse ser o fantasma do morto lá em cima. Sob essa opressão ficaram aparvalhados, pois, para eles, os fantasmas eram tão constrangedores quanto os mendigos. Mas a recordação da prataria desfez o feitiço do miraculoso: desfez de forma abrupta e com uma reação bruta. O coronel derrubou sua cadeira e precipitou-se rumo à porta.

— Se tinha um décimo quinto homem aqui, amigos — disse —, esse décimo quinto camarada era um gatuno. Desçam logo até as portas da frente e de trás e garantam a segurança; conversamos depois. Vale a pena recuperarmos as vinte e quatro pérolas do clube.

Num primeiro momento, o sr. Audley pareceu hesitar sobre se era ou não cavalheiresco tomar qualquer atitude impensada, mas vendo o duque disparar escada abaixo com energia adolescente, seguiu atrás com movimentos mais maduros.

No mesmo instante, entrou um sexto gar-

çom na sala e declarou que encontrara a pilha de pratos de peixe sobre um aparador. Nem sinal da prata.

A multidão de comensais e atendentes que despencou precipitada pelos corredores dividiu-se em dois grupos. A maioria dos Pescadores seguiu o proprietário até o hall de entrada para perguntar se alguém havia saído. O coronel Pound, com o diretor, o vice-presidente e mais um ou dois sócios chispavam corredor abaixo na direção dos cômodos dos empregados, como a mais provável rota de fuga. Enquanto faziam isso, passaram pela sombria alcova ou caverna da chapelaria e vislumbraram um vulto baixote, de casaco preto, presumivelmente um funcionário, em pé, um pouco escondido pela sombra.

— Ei, você! — chamou o duque. — Viu alguém passar por aqui?

O vulto baixote não respondeu à pergunta de modo direto. Disse apenas:

— Acho que tenho o que os senhores estão procurando, cavalheiros.

O grupo parou, hesitante e atônito; por sua vez, o homenzinho se encaminhou em silêncio ao fundo da chapelaria e voltou com as duas mãos cheias de prata reluzente, que depositou em cima do balcão com calma de vendedor. A prata era moldada singularmente na forma de uma dúzia de garfos e facas.

— Você... você... — começou o coronel, enfim perdendo o equilíbrio. Então espiou na salinha escura e viu duas coisas: primeiro, que o baixinho de roupa preta estava vestido como um clérigo; e, segundo, que a janela da sala atrás dele estava arreventada, como se alguém tivesse passado violentamente através dela.

— Coisas valiosas para se guardar numa chapelaria, não acham? — observou o clérigo, com calma satisfação.

— Foi o senhor... quem roubou isso? — gaguejou o sr. Audley, com o olhar arregalado.

— Se roubei — disse o clérigo de modo divertido —, ao menos estou devolvendo.

— Mas o senhor não roubou — disse o coronel Pound, ainda com o olhar fixo na janela quebrada.

— Confesso que não fui eu — disse o outro com certo humor. E sentou-se com seriedade num banquinho.

— Mas sabe quem roubou — disse o coronel.

— Não sei o nome verdadeiro dele — respondeu o padre com placidez —, mas sei um pouco sobre o seu peso de lutador e um bocado sobre suas dificuldades espirituais. Fiz a estimativa física enquanto ele tentava me esganar e a estimativa moral quando ele se arrependeu.

— Ah, sim... se arrependeu! — gritou o jovem Chester, com uma espécie de riso cantado.

o Padre Brown levantou-se e juntou as mãos atrás das costas.

— Esquisito, não é — disse ele —, que um ladrão e velhaco se arrependa, enquanto tantos ricos idôneos permanecem impassíveis e frívolos, sem produzir frutos nem para Deus nem para os homens? Mas neste caso, os senhores vão me desculpar: estão invadindo um pouco o meu terreno. Se duvidam da penitência como fato prático, aí estão seus talheres. Os senhores são Os Doze Pescadores Verdadeiros: aí está toda a sua prata para peixe. Mas Ele fez de mim um pescador de homens.

— O senhor pescou este homem? — indagou o coronel, franzindo a testa.

O Padre Brown encarou o rosto franzido do coronel.

— Sim — disse ele — eu o pesquei, com um anzol oculto e uma linha invisível, comprida o suficiente para deixá-lo perambular aos confins do mundo e ainda ser capaz de trazê-lo de volta com um puxão na linha.

Fez-se um demorado silêncio. Todos os ou-



tros homens presentes se dispersaram para levar a prata recuperada para os camaradas, ou para consultar o proprietário sobre a estranha condição do caso. Mas o coronel de face sombria permaneceu sentado de lado sobre o balcão, balançando as pernas compridas e delgadas e mordiscando o bigode escuro.

Por fim, disse em voz baixa ao padre:

— Ele deve ser um sujeito esperto, mas acho que conheço alguém mais esperto.

— Ele era um sujeito esperto — respondeu o outro —, mas não tenho muita certeza a qual outro o senhor se refere.

— Refiro-me ao senhor — disse o coronel, com uma risada breve. — Não quero ver o sujeito atrás das grades; o senhor pode ficar tranquilo quanto a isso. Mas eu daria muitos garfos de prata para saber exatamente como o senhor deslindou este caso e como o senhor o convenceu a falar. Creio que o senhor é o diabo mais esperto do grupo hoje presente.

O Padre Brown pareceu apreciar a candura melancólica do militar.

— Bem — disse ele, sorrindo — não vou contar nada ao senhor sobre a identidade do homem nem sua história pessoal, mas não há motivo algum para que eu não lhe conte os simples fatos que acabei descobrindo.

Ele saltou sobre o balcão com inesperada agilidade e sentou-se ao lado do coronel Pound, chutando o ar com as pernas curtas, como um menino no portão. Começou a contar a história tão naturalmente como se a estivesse contando a um velho amigo perto da lareira em pleno Natal.

— Veja bem, coronel — disse ele —, lá estava eu fechado naquele quartinho escrevendo umas coisas, quando então escutei dois pés neste corredor fazendo uma dança tão estranha quanto a dança da morte. Primeiro passinhos ligeiros e engraçados, como um homem andando na ponta dos pés valendo uma aposta; e

então passos rangedores, vagarosos e descuidados, como os de um homenzarrão passeando por aí com um charuto. Mas, juro, os mesmos pés faziam os dois tipos de passos, e vinham em ciclos: primeiro a corrida, depois a caminhada e então a corrida outra vez. Fiquei me perguntando, primeiro de um modo desocupado depois desenfreado, por que um homem precisaria encenar esses dois papéis no mesmo ato. Um passo eu conhecia; era como o seu, coronel. O passo de um cavalheiro bem-alimentado esperando por algo, que passeia por aí mais porque está fisicamente alerta do que porque está mentalmente impaciente. Eu conhecia o outro passo, também, mas não conseguia lembrar qual era. Que criatura indômita eu conhecera em minhas jornadas que disparava na ponta dos pés naquele estilo extraordinário? Em seguida, escutei um tilintar de pratos em algum lugar; e a resposta surgiu tão clara como a resposta de São Pedro. Era o passo de

um garçom: que anda com o corpo inclinado para frente, os olhos voltados para baixo, a ponta dos pés varrendo o chão, o fraque e o guardanapo esvoaçando. Em seguida pensei mais um minuto e meio. E acredito que vi o método do crime tão claramente como se estivesse prestes a cometê-lo.

O coronel Pound olhou-o com sagacidade, mas os olhos cinza-claros do interlocutor estavam fixos no teto com melancolia quase vazia.

— Um crime — disse devagar — é como qualquer outra obra de arte. Não fique surpreso: de jeito nenhum crimes são as únicas obras de arte das oficinas infernais. Mas cada obra de arte, divina ou satânica, tem sua marca indelével... quero dizer, o cerne dela é simples, não importa quão complicada possa ser a execução. Assim, se me permite dizer, em *Hamlet*, o ar grotesco do coveiro, as flores da moça desvaiada, os ornatos fantásticos de Osric, a palidez do espectro e o sorriso do crânio são todos es-

tranhezas numa espécie de grinalda emaranhada ao redor da personagem trágica e singela de um homem de preto. Bem, esta — disse ele, escorregando devagar do balcão com um sorriso — também é a tragédia singela de um homem de preto. Sim — prosseguiu, percebendo que o coronel erguia os olhos com admiração —, toda esta história se resume num casaco preto. Nesta história, como *Hamlet*, tem excrescências rococós... os senhores, se me permite dizer. Tem o garçom morto, presente quando devia estar ausente. Tem a mão invisível que varreu a prataria da mesa e a dissipou no ar. Mas todo crime inteligente se baseia no fim das contas em um fato muito simples, um fato por si só nada misterioso. A mistificação surge em encobri-lo, em conduzir os pensamentos dos homens para longe dele. Este crime substancial, sutil e (em seu curso normal) muito lucrativo construiu-se a partir do singelo fato de que o traje de gala dos cavalheiros é o mesmo traje

dos garçons. Todo o resto foi atuação, uma atuação estrondosamente boa, diga-se de passagem.

— Mesmo assim — disse o coronel, ao levantar franzindo a testa, com olhar cabisbaixo —, não tenho certeza se entendi.

— Coronel — disse o Padre Brown —, eu lhe digo que esse arcanjo da impudência que roubou seus garfos passou para lá e para cá neste corredor vinte vezes no clarão de todas as lâmpadas, sob a vista de todos os olhares. Não ficou se escondendo em cantos escuros onde poderia ter despertado suspeitas. Permaneceu em constante movimento pelos corredores iluminados; em todos os ambientes em que andou parecia estar ali por bem e por direito. Não me pergunte como eram suas feições; o senhor deve tê-lo visto seis ou sete vezes hoje à noite. O senhor estava esperando com todas as outras pessoas importantes na sala de recepção lá no fim do corredor, com o terraço logo depois.

Sempre que ele esteve na presença dos cavalheiros, o fez no elétrico estilo de um garçom, a cabeça curva, o guardanapo esvoaçante e os pés voadores. Disparou terraço adentro, fez algo na toalha da mesa e disparou de novo rumo ao gabinete e às dependências dos empregados. Quando passava na frente do funcionário do gabinete e dos garçons, cada centímetro de seu corpo tornava-se outro homem, em cada gesto instintivo. Passeou no meio dos empregados com a costumeira insolência distraída dos patrões. Para eles, não era novidade ver um almo-fadinha da mesa de jantar zanzando no hotel como um animal no zoológico; sabem que nada distingue melhor a classe abastada do que o hábito de caminhar quando bem entende. Quando ele ficava magnificamente entediado de caminhar por aquele corredor em especial, dava meia-volta e andava na direção do gabinete; sob a sombra da arcada alterava o comportamento num passe de mágica e entrava cor-

rendo de novo entre os Doze Pescadores, um solícito atendente. Por que os cavalheiros prestariam atenção num garçom novato? Por que os garçons desconfiariam de um cavalheiro caminhante de primeira classe? Uma ou duas vezes ele praticou os truques mais arrojados. Nas dependências privativas do proprietário, pediu com vivacidade uma garrafa de água tônica, dizendo que estava com sede. Disse contente que ele mesmo carregaria, e assim o fez; carregou a garrafa com rapidez e correção no meio de todos, um garçom cumprindo sua missão. Claro, não poderia ter mantido a farsa por muito tempo; apenas precisou mantê-la até o fim do prato de peixe.

“O pior momento dele foi quando os garçons ficaram em fila, mas mesmo naquele momento ele deu um jeito de recostar-se contra a parede perto do canto de forma tal que naquele instante importante os garçons pensaram que ele era um cavalheiro, enquanto os cavalheiros



pensaram que ele era um garçom. O resto foi fácil. Se algum garçom o encontrasse longe da mesa, esse garçom encontraria um lânguido aristocrata. Teve apenas de escolher o momento certo, dois minutos antes de o peixe ser retirado, para se tornar um diligente garçom e sair de fininho. Colocou os pratos sobre um aparador, recheou com a prataria os bolsos internos do casaco, dando a ele uma aparência bojuda e correu como lebre (eu o escutei vindo) até chegar à chapelaria. Ali ele precisava apenas ser um plutocrata de novo... um plutocrata chamado para tratar de negócios urgentes. Precisava apenas entregar o tíquete ao atendente da chapelaria e sair com a mesma elegância com que entrara. Só... só que o atendente da chapelaria casualmente era eu.”

— O que o senhor fez com ele? — gritou o coronel, com rara intensidade. — O que ele disse ao senhor?

— Vai me desculpar — disse o padre, im-

passível —, a história termina aqui.

— E aqui começa a história interessante — murmurou Pound. — Acho que entendi o truque profissional dele. Mas parece que não captei o seu.

— Preciso ir embora — disse o Padre Brown.

Caminharam juntos no corredor até o salão de entrada, onde viram o rosto robusto e sardento do duque de Chester rumando alegre na direção deles.

— Venha cá, Pound — gritou quase sem fôlego. — Estive lhe procurando por tudo que é lugar. O jantar segue em formidável estilo, e o velho Audley fez até discurso em honra aos garfos salvos. Queremos começar uma nova cerimônia, sabe... para comemorar a ocasião. Pois o senhor que recuperou os talheres. O que sugere?

— Bem — disse o coronel, mirando-o com certa aprovação sardônica —, sugiro que de

agora em diante a gente comece a usar casacos verdes, em vez de pretos. Nunca se sabe que tipo de engano pode acontecer quando alguém é confundido com um garçom.

— Ah, pare com isso! — disse o rapaz. — Cavalheiros nunca se parecem com garçons.

— Nem garçons com cavalheiros, suponho — disse o coronel Pound, com o mesmo riso sombrio no rosto. — Senhor reverendo, o seu amigo deve ter sido muito esperto para interpretar o cavalheiro.

O Padre Brown abotoou até o pescoço o sobretudo trivial, pois a noite estava tempestuosa, e apanhou no suporte o guarda-chuva trivial.

— Sim — disse ele —, ser cavalheiro dá muito trabalho. Mas, sabe, às vezes fico pensando se ser garçom não dá quase o mesmo trabalho.

E, dizendo “boa noite”, abriu as pesadas portas daquele palácio de prazeres. Os portões

dourados fecharam-se atrás dele, e ele seguiu num passo apressado pelas ruas úmidas e lúgubres, à procura de um ônibus.